

I

GUINÉ PORTUGUEZA

OU BREVE NOTICIA SOBRE ALGUNS DOS SEUS USOS, COSTUMES, LINGUAS
E ORIGENS DE SEUS POVOS

Por M. M. de Barros

Missionario na mesma provincia e socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa

«Em cada objecto ha uma inexgotavel significação; os olhos vêm conforme os meios que empregam para ver.»

CARLYLE.

«De todas as noticias que se publicam acerca dos negros as que nos dão os missionarios são ordinariamente as mais escrupulosas e exactas ... tudo os habilita a poderem-os julgar com mais justiça e imparcialidade, e é o que ordinariamente fazem.»

A. F. NOGUEIRA.

Ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Pedro Ignacio de Gouveia ¹

Illustre governador da Guiné portugueza

Memoria

A QUEM LER

Não vao esta escripta com o fim de ver a luz da publicidade, porque o não merece.

Ponderosos motivos de sincera admiração e reconhecimento para com o illustre governador d'esta provincia me levaram gostosamente a escrever esta breve noticia sobre os usos e costumes do meu paiz. E, apesar da diligencia que n'isso empreguei, vejo bem que me devem ter escapado muitos desalinhos e incorrecções de phrase, e mesmo erros na exposição dos factos, como é de esperar que aconteça sempre a todas as obras d'esta natureza feitas á pressa, na Guiné, sem livros, sem bibliothecas publicas, em quem se vê forçado a recorrer quasi exclusivamente á memoria de seus esclarecidos amigos, á sua e aos seus apontamentos, e nada mais; porém, convem prevenir que em tudo predomina a certeza das minhas investigações.

No estylo esforcei-me por ser facil, conciso e claro, com o fim unico de temperar de alguma sorte o gosto selvagem de quasi todos os assumptos de que me occupei.

¹ Foi este trabalho offerecido á Sociedade, em officio de 2 de maio de 1883.

Mais. O amor da verdade levou-me a fazer citações e referencias nas notas, sem a risivel pretensão de dar lições aos que podem perfeitamente ser meus melhores mestres, como sinceramente o confesso.

Como especial favor, peço a quem ler que se arme de um bom lapis, para que no percurso da sua leitura possa ir fazendo as precisas emendas: obras perfeitas e de repente só Deus as faz.

Bolama, 30 de dezembro de 1882.

«Sem o conhecimento perfeito de um povo, os calculos politicos são impossiveis.»

HUNTER.

Topographia

Territorio ¹

O dominio portuguez n'esta parte occidental da Africa estende-se a 62:000 kilometros quadrados, isto é, acha-se reduzido a pouco mais da quinta parte da antiga Senegambia portugueza, cuja extensão era nada menos de 310 leguas de 20 graus de extensão e 200 de largura. A sua população deve ser muito mais de 2,5 milhões, isto é, a quinta parte da população da Senegambia, que é seguramente de 14 milhões ² ou 41,1 por kilometro quadrado.

Os rios mais importantes que retalham o continente são: Casamansa, S. Domingos ou Farim, Geba, Rio Grande, Tambalé ou Nalú e o rio Nuno. E junto á embocadura d'estes rios temos o archipelago de Bijagó todo inteiro ³.

¹ Na constante preocupação da minha insufficiencia para qualquer genero de trabalhos litterarios, procurei alguma cousa escripta sobre esta provincia, que me servisse de guia e derramasse luz na ardua e arriscadissima senda em que me ia lançar, e não tive a ventura de encontrar senão o *Diccionario de geographia universal*, da empreza Horas romanticas; mas a obra, apesar de ser feita por uma sociedade de homens de sciencia, traz algumas inexactidões, como se verá adiante.

² O sr. Medeiros Botelho calcula a população da Guiné em 6:154 habitantes; eu farci por provar mais tarde em como os meus calculos se approximam muito mais da verdade. No entretanto desejo dizer desde já que M. Vouzé, membro da Sociedade de Geographia, no seu *Nouveaux éléments de géographie*, calcula em 12 milhões as tres unicas raças *mandingas*, *fulas* e *jolóf* que povoam grande parte da Senegambia, e é este, com bem pouca differença, o mesmo calculo que outros publicistas francezes têm feito sobre a população excepcionalmente condensada d'esta parte da Africa.

Se porventura os 6:154, que o sr. Medeiros aponta na sua geographia, se referem só á população christã e semi-catholica das nossas praças e presidios da Guiné, então o calculo parece estar bem feito, visto que tem por base a estatistica official de 1873, e as estatisticas officiaes nunca se fizeram alem das palissadas, baluartes e tabancas das nossas praças e presidios, e é por isso mesmo que até os proprios estados que se acham sob o dominio de Portugal «são pouco conhecidos». Medeiros, na sua *Geographia*, pag. 459, 3.^a edição de 1878.

³ O referido *Diccionario de geographia* diz que só parte do archipelago Bujagó pertence á zona de Portugal. (Vide verb. Guiné.) O sr. Medeiros tambem diz que essa parte que pertence á zona é só Bolama, Gallinhas e Orango. Deus nos livre que os estrangeiros saibam isto. Todos os indigenas que por motivos de economia têm percorrido este archipelago estão de accordo quanto ao numero de ilhas de que se compõe, e affirmam todos que são seguramente mais de oitenta, não contando as ilhotas, que são innumeraveis.

Raças

Por não me achar empenhado em fazer uma enumeração das inextricáveis raças que povoam a Senegambia; e que são seguramente mais de sessenta, limito-me tão somente a apontar aquellas com quem temos relações de interesse mais ou menos proximo, e que se differenciam por caracteres physicos e principalmente ethnologicos.

Terras que habitam	Raças	Sub-divisões
Margens do Geba e Rio Grande ..	Blafadas.....	Kubissegues. Kynáras ou Guinalas. Cassangas. Soniukés e mouros. Batmandingas.
Na provincia e no Sudão.....	Mandingas.....	Saraulés. Tiljinkás. Sossos. Futá-fulas.
Na provincia, no Sudão e centro do continente.....	Fulas (melhor) Fulbs	Pull-os (os fulas brancos ou livres). Fulas-jons (os pretos ou escravos). Soibés. Toroukás.
No archipelago	Bujagós	Nadu.
Margens do Tambala.....	Nalu	Nalús mansos e nalús bravos.
Margem direita do S. Domingos..	Bambum	Nada. Brams.
Emboadura do Geba e margem esquerda do S. Domingos.....	Papels (melhor) Papeis.....	Papels de { Bissau. Cacheu. Manjacos de.. } Pissós. Ilhetas. Costa de Baixo.
Margens direitas de S. Domingos e do Geba.....	Balantas	Branos. de fóra (das margens). de dentro (do interior). Kajamutues.
Margens de S. Domingos e do Casamansa.	Fulupos	Balotes. Zegochos. Arlatos.
Toda a provincia	Mestiços.....	Manjacos. Grumetes. Mulatos (a)

(a) O Diccionario faz a seguinte enumeração de mais nomes, na supposição de que são todos de nações: *Churus, Sapes, Sacalegas, Banhum* ou *Zegochos*.
Charo, é apenas uma grande povoação de papels limitrophes de Cacheu. *Banhames*, deve-se escrever *Banhum*. *Sapes*, deve-se dizer *Safin*, um dos districtos dos papels de Bissau, ou então *Sapé*, indigena da colonia ingleza de Serra Leon, no S. de Guiné portugueza. *Sacalegas*, talvez *Sacala*, não é nome de nação, mas appellativo do maior feitiço dos blafadas. *Banhum* ou *Zegochos*, aquelles habitam a margem direita de S. Domingos, e estes a esquerda do Casamansa, e não são a mesma raça.

Ethnographia

Saudação

Quasi todos os habitantes d'esta costa saudam como nós e com apertos de mão. Os fulupos comprimentam as pessoas de elevada jerarchia abanando as mãos juntas e dizendo: *sáfe!* Os papels de Cacheu levam bruscamente o index aos olhos da gente, dizendo: *umbós!* É preciso não pestanejar, sob pena de ser tido na conta de cobarde. Os mouros, deixando as suas sandalias á porta de quem muito respeitam,

entram dizendo *salamalekos*. O fula leva um seculo a fazer os seus cumprimentos: pergunta pela saude do seu interlocutor, de toda a sua familia, individualizando; pelo estado de todas as suas cousas, especificando; de todos os seus negocios feitos e por fazer.

Pactos e juramentos

Os pactos relativos a contratos fazem-se sempre perante duas ou mais testemunhas. Os parentes, embora ausentes, são sempre fiadores natos de qualquer pacto havido entre duas ou mais pessoas; no caso de rescisão os parentes do culpado são reduzidos ao captivo e vendidos, não havendo resgate. O gentio não tem idéa do que seja palavra de honra, e não se julga obrigado a dar cumprimento aos seus compromissos sem que os ligue a um juramento. O juramento individual é o que fazem aos seus manes ou aos grandes feitiços da sua nação. O juramento mais solemne de paz e amizade entre duas nações ou tribus contendoras, consiste no enterramento de polvora e bala, acompanhado de outras ceremonias de rito sobre as azas de um idolo ou feitiço.

Hospitalidade

As leis naturaes da hospitalidade são praticadas pela maior parte d'estas nações de um modo irreprehensivel, e até se julgam na obrigação de defender o seu hospede dos damnos ou ultrages que possa soffrer dentro da sua casa ou fóra d'ella, e, sendo preciso, cumprem este dever á mão armada; e vão mais longe ainda: convocam a familia e a tribu inteira para ferir batalha por causa do seu hospede. Por excepção, entre os balantas, ladrões famosos, não raras vezes o hospedado gosa dos beneficios da hospitalidade enquanto não dá um passo fóra da cabana ou enquanto não faz as suas despedidas.

Tabu (*malgossar*)

Assim como os insulanos da Polynesia, os nossos gentios envolvem qualquer cousa ou pessoa n'um manto de prestigio sagrado; e os symbolos que representam este acto supersticioso são principalmente as manilhas de ferro, busios ou ramos de palmeira. Na pessoa ou cousa malgossada não se póde tocar, sob pena de morte, que tarde ou cedo sobrevenem de uma maneira mysteriosa, isto é, por meio de um veneno mais ou menos lento, ministrado subtilmente.

Vindicta (*atorna*)

Os nossos selvagens são, por condição e principios, vingativos. Se qualquer membro de uma tribu é assassinado justa ou injustamente, não se recorre ao tribunal dos reis ou dos grandes, nem se accita o *diá* dos arabes ou o preço do sangue derramado; qualquer dos filhos, e na falta d'estes seus proximos parentes, ficam na imprescriptivel obrigação de espingardear o assassino, e, na sua ausencia, qualquer membro da sua tribu.

Roubo

É geralmente condemnado o habito de tomar as cousas alheias abertamente, por violencia ou por meios arditos. Os balantas roubam sempre, dia e noite, e em toda a parte; e muito se honram com isso, não como um acto em si digno e meritorio, mas como uma arte por onde se avalia a destreza, a astucia e a audacia de um homem. O filho familia de um balanta que não mostra desde cedo sufficiente habilidade na arte de furtar, é desprezado por seus paes como ente inutil e afeminado. Estão convencidos que todo o homem tem direito de matar um ladrão apanhado em flagrante.

Ainda entre os balantes o ladrão mais famoso e mais bem armado, em sendo agarrado, por uma creança que seja, considera-se preso pelo destino: não offende, não se defende, nem tenta fugir.

Correrias (*bitrinbit*)

As nações guerreiras armam-se muitas vezes, e vão, junto aos caminhos, atacar as caravanas para as despojar de suas mercadorias, ou então, envolvidos nas sombras de uma noite escura, assaltam de improviso uma aldeia inteira, mettendo tudo a ferro e fogo, e arrastam as donzellas e as creanças para terras longinquas, onde as vendem ou as matam, quando não encontram quem as inverta por compra ou resgate.

Por mar, os papeis das ilhetas de Caiú e de Cajuguth infestam com as suas pirogas de guerra as embarcações que navegam entre Bissau, Bolama, Pissós e Cacheu. Para estes piratas sanguinarios o shibboleth da paz consiste no tição que os perseguidos se lembram de lançar ao mar.

Rapto

O rapto só tem por fim apoderar-se violentamente da donzella que recusa por teima a sua mão ao seu pretendente; porém, tal recusa é muitas vezes ficticia, e só tem por fim tornar as festas do noivado mais estrondosas; em todo o caso o rapto nunca tem logar sem a connivencia dos paes da noiva.

Epygamia, polygamia e polyandria

Em toda a parte n'esta costa o pae respeita a filha, o filho a mãe e o irmão a irmã.

O direito de contratar uma união conjugal é sempre restricto a certas condições. A idade entre os quatorze a vinte annos é o limite medio em que geralmente têm logar os casamentos. Exceptuando os bujagós, entre os quaes nenhumaes condições existem para toda a especie de união conjugal, gentios ha que não cedem suas filhas em casamento sem que seja de antemão comprada a seus paes por 60\$000 a 200\$000 réis, que se dão e se recebem a troco de presentes, isto entre papeis e mandingas especialmente. Por causa dos maus tratos a mulher volta a casa de seus paes, que ficam na obrigação de restituir os presentes que receberam ou o seu valor.

Por motivo nenhum póde a mulher ser vendida; mas passa como fardo em herança successiva para os irmãos de seu primeiro marido.

Entre os habitantes do rio Tambalé ou Nalú, sem troca de irmão não ha casamento. Exemplo: Na tribu *M* existem os irmãos Lino e Bertha, e na tribu *N* vivem os irmãos Clio e Martha; se Lino pretende a mão de Martha, Clio casará forçosamente com a menina Bertha; mas se na tribu *M* não houver senão Lino e Bronthes, este irá servir quasi como escravo os paes de Martha.

Entre bujagós a mulher faz casa por suas mãos e recolhe o homem de sua preferencia. Uma balanta póde ter mil amantes, e querendo passar uma temporada, previne o marido, dizendo: «*Em cá tohhah cundenca*» (vou a uma entrevista), e sem mais ceremonias abandona-o por muitos dias; mas ao regressar a casa é mal recebida, e póde mesmo ser castigada pelo marido se se apresenta com as mãos vasias. É de estylo trazer sempre alguma cousa: um balaio de arroz, uma cabra ou uma cabaça de leite: uma verdadeira polyandria; porém menos franca do que entre os insulares dos mares da Índia.

Aborto e infanticidio

O aborto, na generalidade dos casos, é promovido pela escrava que conheceu o fructo de suas relações com o seu senhor a quem odeia, ou por não desejar que seu filho venha á luz nos dias do seu fadario triste.

Os gemeos, os albinos e os partos monstruosos são, em geral, expostos nas florestas á voracidade das feras e das aves de rapina. Os fulupos, principalmente, constituem uma excepção, quanto aos gemeos, que consideram como um prodigio de fecundidade, com que os paes muito se engrandecem.

Aleitação

Só nos casos de doença, de ausencia ou de morte da mãe é o filho aleitado como Romulo ou entregue ao cuidado de uma ama de leite.

As mães exageram tanto o dever de aleitar seus filhos, que não é raro encontrar rapazes de três a quatro annos, que para toda a parte vão, tudo comem e tudo sabem, divertirem-se com os seios da mãe, como se ainda andassem ao collo.

Circumcisão (*cuiang-ô* ou *fanado*)

«Exige-se segredo absoluto.»

CAPELLO e IVENS — *De Benguella ás terras de Iáca.*

Em toda a Senegambia, é opinião minha, ninguem considera a circumcisão debaixo de um aspecto religioso: um balanta póde ser circumcidado, sem que por isso se considere islamita ou judeu; um grumete póde ser circumcidado, sem que por esse facto se considere pagão ou renegado. A circumcisão, pois, não é mais do que um manto sagrado, que envolve uma sociedade secreta, universal, terrivel e admiravelmente constituida, com os seus signaes e com os seus symbolos,

e aonde as raças, as cores, as religiões e as jerarchias desapparecem completamente.

Muita razão têm os biafadas em dizerem como o sabio: «*Nihil novum sub sole*»; *Iás lire liaissé iábulár*. O chefe, a que todos da sociedade chamam pae, e que pretende sempre passar por um ente mysterioso e invulneravel, quando apparece, o que rarissimas vezes acontece, faz lembrar a furia Alecto, embuçada n'um dominó de folhas de palmeira e com duas espadas coruscantes em uma e outra mão, destronca a cabeça dos *solmés* ou incircumcisos que apparecem na sua passagem rapida. É o terrivel anjo do exterminio, o executor fiel da justiça de Deus e dos espiritos.

As festas da circuncisão são as mais apparatusas que se conhecem, e n'ellas se notam certos usos estranhos e singulares. Não ha nada, enfim, mais interessante e mais curioso no estudo profundo dos usos e costumes africanos do que essa cerimonia, a que chamam *fanado*, insignificante na apparencia, e que, comtudo, é a origem das feições politicas das nações e a fonte dos heroismos, de grande virtude e de attentados enormes. Ali se aprendem linguas para sempre desconhecidas do vulgo; ali se cortam as exerescencias phisicas e moraes do homem; é ainda ali onde se entra no conhecimento de um nome semelhante ao Jehovah dos hebreus, para não ser pronunciado senão uma ou duas vezes na vida, e talvez nunca; taes são, entre outros: *Athamit* e *Nansibati*.

As donzellas, entre os mandingas, biafadas e fulas, tambem são sujeitas á circuncisão e formam uma sociedade á parte e com rito differente.

Eu provarei, em outro escripto mais desenvolvido, tudo o que venho de expor n'este e n'outros capitulos.

Os bujagós são os unicos que se não circuncidam.

Costumes agricolas

Diversificam muito os costumes dos nossos lavradores da Guiné. Emquanto que toda a terra é insufficiente para as ambições de um balanta e de um fulupo, o biafada, pelo temor de ser tido na conta de feiticeiro ou pactuado com espiritos malfazejos, não cultiva as suas terras mais do que o limitado no quadrado da distancia em que tombou a sua enxadinha, arremeçada com toda a força.

Emquanto, entre bujagós os homens passam o tempo a fisgar peixe á beiramar ou nos bosques a beber vinho de palmeira, as mulheres lavram as terras, semeiam e recolhem o mantimento para sustentar o marido e seus filhos. E emquanto, finalmente, os fulupos e fulas engordam os seus animaes com arroz e milho, de que estão cheias as suas *bembas* ou tulhas, os cassangas, e não poucas vezes tribus biafadas morrem de fome aos centos por anno.

Costumes guerreiros

As declarações de guerra são sempre feitas pelas tribus que reconhecem a sua superioridade numerica: uns, como os futa-fulas, só com-

batem com o fim de acharem nos despojos das povoações destruidas ou sujeitas, os meios de subsistencia; outros, taes como pull-os e fulajous, fazem guerras só com o fim de manterem a sua liberdade, conquistada ha doze annos. Alguns combatem sempre em campo aberto, taes como os fulupos e futa-fulas; os papeis só occultos atraz das arvores ou espalhados pelas moitas fazem uso das suas armas. O bujagó é temivel quando armado do seu *canhacó* ou *azagaia trilingue*. O balanta affronta as balas com uma espada em punho, e os futa-fulas disparam um chuveiro de flexas envenenadas nas grandes batalhas. E a cabeça do inimigo, separada do tronco, é o maior trophéu que um guerreiro póde alcançar nos combates.

Anthropophagia

Os fulupos de Bote e Sélek são os ultimos povos que ha vinte annos perderam o habito de devorar os seus semelhantes.

Doenças

Algumas enfermidades ha, muito vulgares na Europa, taes como a gota e a hydrophobia, que são desconhecidas n'estes paizes; e algumas, ao contrario, são muito vulgares, como a elephantiasis, a ophthalmia, a hemicrania, a alienação mental e a mysteriosa pedra escrophulosa, como lhe chamam vulgarmente, mal do somno ¹.

Morte e sepultura

Cerimonias funebres

Na opinião d'estes selvagens ninguem morre por ter seus dias contados no livro da vida; só morre em resultado de feitiços de um pobre diabo, e o cadaver do paciente é mettido n'uma tumba negra e levado

¹ Confundem-se mesmo aqui e em toda a parte duas doenças, muito differentes nas suas causas e effeitos. Certas doenças, tidas por incuraveis nos paizes cultos, encontram (procurando-se bem, com juizo e esperanza), *sossos*, *tiliboncas*, *fulas* e *juta-fulas*, que as curam perfeitamente, e n'esta classe estão a anemia, a tísica pulmonar e a alienação mental, enquanto que a lepra e as bexigas são o terror dos balantas, bujagós, fulupos e futa-fulas; entre os fulupos, qualquer individuo atacado de variola é impiamente desterrado, e a sua casa e os seus bens são lançados á voracidade das chanmas.

A doença de pedra, como por aqui lhe chamam, ou pedra escrophulosa, é uma especie de thrombos, e a doença ou mal de somno, parece que ainda não se acha sob o dominio da sciencia; é muito pouco vulgar e mata dentro de um a seis mezes, conforme a constituição do paciente. Não é contagioso como a terrivel pedra escrophulosa, é insidioso porque, o enfermo apparenta um estado de saude esplendido; não perde o appetite, e a sua constante satisfação e alegria é apenas perturbada por uma impertinente somnolencia. Quando a morte se approxima começam as extremidades dos dedos a mirrar, sobrem abundantes urinas, e o paciente morre.

O sr. dr. Socrates da Costa, n'um dos relatorios, diz que o gentio da Guiné não sabe curar o mal de somno (pedra escrophulosa), e apoia-se n'um caso unico de mau resultado. Peço licença ao illustre medico para affirmar o contrario com mais de cincoenta exemplos de cura, só na minha familia. Os bons curadores de um e outro mal encontram-se entre os sossos do Rio Nuno.

aos hombros de quatro hercules, ás parvoas perguntas de um *medium*, avançando para dizer *sim* e recuando para dizer *não*, ou então gira sobre si mesmo, para se mostrar distralido ou indignado com as perguntas que lhe fazem. Não sendo pobres os grandes, são enterrados muitos dias depois do seu passamento, e os reis 365 dias; em todo o caso, para que a corrupção (provavelmente) não incommode os vivos, alimentam uma fumarada por baixo da barraca sobre a qual assentam o pobre morto. E a minha penna recusa descrever os nauseabundos processos a que sujeitam o cadaver. Os que fizeram pacto com o diabo, os albinos, os gemicos, os partos monstruosos, as victimas da variola e da lepra, e os que foram mortos a pau por seus feitiços, são lançados á margem.

A ninguem se paga para fazer guizas, como talvez nas ilhas do Cabo Verde: só chora quem quer, com ociosidade, com exageração ou com hypocrisia. O dia do obito é sempre um dia luctuoso para os paes e amigos do finado, e n'esse dia não é costume tomar-se alimento.

Em toda a parte se encontram sitios destinados para os enterramentos; porém tribus ha, que enterram dentro em casa e por debaixo da cama dos vivos: é o costume dos bujagós e nalús. Entre os brames e os balantas o cadaver nunca sae pela porta ou pela janella, abre-se uma brecha na parede e por ahí sae o finado.

De duas maneiras, geralmente, cavam os gentios as suas sepulturas: horisontal, e vertical, combinado com uma galeria horisontal. Uns sepultam seus mortos como nós sepultâmos os nossos, os papeis e mandingas, por exemplo; outros no fundo da galeria horisontal, taes como os fulupos e os biafadas.

Os bujagós enterram no fundo de grandes carneiros, á maneira de cisternas, onde introduzem viandas e alguns utensilios caseiros. Quasi todos os gentios envolvem seus finados em pannos e esteiras, e os mouros collocam seus mortos sobre o lado direito com o rosto para o Oriente.

Deus

«Exige-se segredo absoluto.»

CAPELLO e IVENS.

Não é negocio facil ouvir um gentio (a não serem os mouros) pronunciar um nome qualquer que desperte a verdadeira idéa que formâmos de Deus, de Allah ou de Jehovah: vulgarmente dizem como os fulupos, que Deus é o firmamento azul (*Emitái*), a chuva e as borascas; que a sua voz e as suas armas são os raios e trovões, o que tudo nos leva a recordar aquelles impios versos de Lucrecio:

Primus in orbe deos fecit timor, ardua coelo
Fulmina quum caderent.

Alma

Os nossos pagãos consideram a terra como a ultima morada das almas, e os fulupos e bujagós acreditam na sua transmigração, e todos

prestam um esmerado culto de *dulia* a seus manes com libações e sacrificios. A morte para um bujagó não é mais do que um somno breve, pela certeza que tem de ser instantaneamente concebido no seu paiz; o bujagó põe uma corda ao pescoco, e aperta-a com a mesma facilidade com que pomos uma gravata.

Um caso o mais recente, e que teve logar na villa de Bissau. Uma canoa de bujagós larga do porto d'esta villa e deixa em terra um dos seus companheiros. O abandonado veiu á beiramar, e por mais que accenasse e por muito que gritasse, não conseguiu ser attendido, pela grande distancia em que já se achava a canoa. Elle então faz o seguinte monologo: «Elles abandonaram-me; pois ainda hei de chegar primeiro á minha terra». E no mesmo instante lança mão de um terçado e degola-se.

Outro caso. Havia na ilha de Orango dois valentões, que com as suas pendencias traziam em constante sobresalto o regulo e os seus vassallos. Acontece aportar em 1858 áquella ilha meu tio João de Barros, e o regulo, para lhe fazer honra, prepara intencionalmente um grande espectáculo, para o qual soube levar os dois perturbadores da ordem a fazerem uma publica exhibição de suas forças, sob a condição de que seria reduzido a captiveiro aquelle que se deixasse vencer.

Os valentões apresentaram-se na arena e bateram-se como dois touros. *Entello*, forçado a vergar sob a prodigiosa musculatura do seu competidor *Dareta*¹, cáe aniquilado, com immensa alegria do regulo e dos espectadores. Mettido a ferros, o vencido foi entregue a meu tio, que o fez embarcar, e afasta-se pouco depois da ilha com destino a Bissau. Mas pela volta da meia noite a tripulação sente, de vez em quando, um terrivel cheiro a carne assada; indagam com toda a curiosidade e impaciencia, e não atinam com a origem de tão singular cheiro: só o bujagó é que se via áquellas horas junto ao fogão, com o doce semblante de quem gosava n'uma noite fria as delicias do lar. Amanhece, e ainda se viu o bujagó junto ao fogão, mas d'esta vez hirto, e com o semblante transtornado. Arranca-se-lhe o panno, e parece impossivel! O infeliz tinha na barriga um medonho buraco, que fizera com alguns tições accesos! Estava morto.

Espiritos ou genios

Crêem na existencia de duas categorias de genios: bons e maus, a que chamam *irã* ou *riam*, são formosos como os anjos do céu, e como não fazem mal, só recebem d'estes gentios o preito de homenagem, devido ás suas fórmias encantadoras.

Genios maus são os diabos armados de crescentes na testa, e por causa d'isso lhes chamam os manjacos *unchai pintim*, genio de crescentes (*itá*); a estes rendem elles culto de *dulia* para os conservarem em paz.

Uns e outros são vistos e conversados pelos que se chamam (em creoulo) *altéro* ou *altéros*, uma especie de *mediums*.

¹ Os nomes são suppostos.

Totenismo, fetichismo e idolatria

O respeito e a veneração tão sómente, que prestam a certa ordem de quadrupedes, reptis e aves, provém de suporem que n'elles se occultam as almas de seus antepassados, d'onde vem usarem nomes de animaes nos appellidos de familia.

Imaginar que o fetichista presta culto directo ás arvores e ás pedras é um erro.

O objectivo de suas praticas religiosas não consiste na materia pura de que aquellas creaturas são formadas, mas o *quid*, o culto n'essas creaturas, é que para elles não é mais nem menos do que um espirito, uma alma, um genio qualquer, porquanto não podem comprehender como é que uma planta, por exemplo, possa apresentar certas feições exóticas, estranhas ou regulares, sem que exista n'ella uma occulta força directriz, e por consequencia uma intelligencia. É esta mesma intelligencia a que elles rendem culto, por a suporem em contacto, mais ou menos proximo, com uma outra intelligencia muito mais occulta, immensamente superior, inabordavel e incomprehensivel: Deus! A Deus não adoram elles, mas invocam-no nas horas extremamente criticas, e os summos sacerdotes tambem o invocam nas grandes solemnidades religiosas. «*Bti-bieg!*» é o que os papeis sempre dizem antes de darem começo a um sacrificio solemne; *Allah jabi*, «querendo Deus», dizem os fulas.

Os mouros fabricam templos, onde é adorado o grande Allah, e os fetichistas as varellas; e, alem d'isto, encontram-se aras em toda a parte; nas ruas, nas casas, nas florestas e á beira dos rios e dos lagos, e algumas d'estas aras recordam alguns dos primitivos monumentos megalithicos, em cujo centro se vê uma covinha, que serve de receptaculo do sangue das victimas: exemplo, a calabaceira e o *panthufamu* dos manjacos.

Habitações

Não mettendo em linha de conta os sossos, os fulupos de Gemberem e de Zeguichor, que fabricam muitas casas de taipa, altas, espaçosas, ventiladas e muito limpas, os mais gentios fazem choças e cabanas de barro, de canna ou de mangle. Em toda a parte encontram-se habitações distinctas e collectivas, disseminadas e agglomeradas.

Com a morte do proprietario as cabanas são immediatamente destruidas. Na actualidade só muito no interior do Sudão se encontram tribus troglodithas, e na margem esquerda do Geba, nas proximidades Clime, encontram-se grandes cavernas com rios subterraneos, e é possivel que ali existam alguns vestigios da idade de pedra.

Generos da vida

Conforme suas tendencias, segue cada raça um genero de vida que lhe é peculiar. São sedentarios, os casangas, mandingas, fulupos e nálús; nomades, os pull-os e fula-jous; semi-nomades, os balantas; errantes, os loibés; emigradores, os manjacos da costa de baixo.

Vida domestica

As raças activas, taes como fulupos, fulas e balantas, quando não se acham empenhadas em guerras sanguinolentas, andam á caça, á pesca, na roça dos matos, na lavra dos campos ou em quaesquer outras occupaões fóra de suas casas; outros, como os cassangas, papeis e biafadas, quando não apparecem ás portas das tavernas, andam empoleirados na estipe das palmeiras, de que extrahem o vinho chamado de palma, ou então deitados indolentemente, dormem á sombra das arvores. As creanças quasi todas andam nos campos a pastorear rebanhos, a jogar a pella ou nas florestas a cavar raizes, de que se sustentam durante o anno, e só á noite recolhem ao lar domestico, onde encontram seus paes e uma magra ceia; descansam, e pela manhã muito cedo tornam a debandar como os passaros: os paes por um lado, os filhos por outro, as mães ás ostras, ou aos mercados vender gallinhas, cera e algumas fructas silvestres.

Vida social

Encontra-se a vida social nos jogos á espada, na lucta, nas apparatusas festas da circumcisão e nas dansas curiosamente organisadas á luz do luar ou de uma enorme fogueira, em que as cantigas harmoniosas são sempre acompanhadas de palmas e tambores.

Vida politica

A vida politica só tem logar quando a sociedade dos circumcidados se reune na lide das grandes matas, o que não obsta a que, quando a sociedade em geral se acha ameaçada de algum flagello, possam todos reunir-se, sem distincção de individuos, de idades e de sexos, para discutir o modo de conjurar o mal que os ameaça.

Vida intellectual

Este genero de vida só tem logar nas tribus mouriscas, que mantêm sempre escolas regulares, em que todos aprendem a ler e escrever o arabe, emquanto que os padres conscriptos discutem sempre diversos pontos sobre theologia, historia, botanica, medicina e diversos phenomenos da natureza.

Familia

Por não haver entre esta gente o menor vislumbre d'aquelle prestigio moral ou religioso que tornam a união conjugal indissolúvel, o marido é sempre senhor ou amante de sua mulher, que póde banir de sua casa sem previa sentença de juiz, excepto entre os mouros, que possuem codigos de todos os processos civis e crimes. E como por isso mesmo as mulheres são pouco fieis aos maridos, estes (com despeito dos seus, sempre suppostos, filhos) chamam seus sobrinhos, por parte da irmã, a succederem-lhes nos bens que deixam com a sua morte.

Os mandingas herdaram as concubinas de seus irmãos.

O nalú espanca seu pae e herda as suas concubinas.

O fulupo despreza e espanca a mãe.

O mandinga é extremoso por seus sobrinhos, e o papel é doido por seus filhos, e todos consideram um acto de barbaridade o bater n'uma criança: póde impunemente lançar fogo a um arrozal, envenenar um rebanho inteiro e apedrejar a avó, porque não haverá quem lhe arranque uma orelha.

Organisação politica

Parece que o unico estado theocratico que se encontra em toda a Senegambia é o futa-fula.

São feudatarios os mandingas, brames, fulupos, cassangas, banhuns e hoje os fulas; os balantas governam-se (governam-se?) por uma rigorosa federação, em que cada tribu ou familia conserva escrupulosamente a sua autonomia, com absoluta exclusão de auctoridades ecclesiasticas, civis e militares. Pouco ou nada lhes falta para a fórma de um governo á Montesquieu.

Propriedades

Não ha interesse algum em nos occuparmos de propriedades urbanas, que, alem de serem feitas na sua grande maioria de material sem valor, são destruidas com a morte de seus proprietarios, restando para os herdeiros tão sómente o formal das mesmas propriedades; a saber: gados, redes, pirogas e alguns miseraveis utensilios domesticos. As propriedades rusticas adquirem-se por meio de compras ou trocas feitas, e pelo direito de *primus occupantis*, e consistem em terras de lavoura, florestas e rios piscosos. Em rigor da palavra, não se encontra um unico palmo de terra que não tenha possuidor, e encontram-se mesmo rios e matas, que, sem venia dos regulos, não se podem penetrar impunemente: os rios sagrados de Sala, das Toninhas e o Boelek dos brames acham-se n'estes casos.

Alimentação

Os nossos selvagens, acossados certamente pela fome, habituaram-se a certo genero de alimentação, que causaria orgulho aos proprios cães; os saurios, os bacrachios e as cobras (excepto a cabeça) servem-lhes de sustento; a carne, dissolvida pela putrefacção e invadida por batalhões de seres obscuros e irrequietos, constitue, especialmente para os brames e biafadas, um manjar delicioso, e, ao que parece, muito aromatico; de barro, dos farellos, das fructas silvestres de um gosto duvidoso o de propriedades muitas vezes venenosas, de tudo, enfim, lançam mão para mitigar a fome, a que a sua preguiça quasi sempre os condemna. E como em resultado de semelhante modo irracional de alimentação, morrem sem conhecimento da causa de suas enfermidades, lançam o odio só sobre qualquer desgraçado, que não poucas vezes é victima das suas calumnias.

O uso quotidiano de poderosos estimulantes, com que adubam os

seus magros alimentos, tral-os, especialmente os fulas, n'um estado de deploravel magreza.

Vestuario

Cada nação, tribu ou individuo veste-se conforme as extravagancias da sua imaginação e segundo o grau de sua cultura. Uns gostam dos calções mouriscos, do seu barrete de borla e camisa de onze varas, o *dondoio*; outros contentam-se com uma tanga de panno ou de pelle de onça, de cabra ou de macaco; trazem outros sobraçado um panno branco, listrado ou azul com cadilhos. Os fulupos gostam do *baléfet*, os bujagós de *saiões* de palha; os jovens balantas trazem a cabeça coroadada de formosas pennas de ave e ostentam um buzio enorme, aonde deviam trazer uma larga folha de figueira, e as creanças até aos quatorze annos apresentam-se sempre em costume do paraizo.

Ethnogenia

Não sendo trabalho facil tocar com o index de raciocinio e de conjecturas o berço dos povos cultos e que possuem uma historia, immensamente essa difficuldade augmenta quando se pretende esquadrihar a origem dos habitantes de um paiz inexplorado e que não tem por costume deixar atraz de si a historia de suas emigrações em caracteres indelevelis, em symbolos e monumentos. O que se vae pois ler, não é mais do que o resultado despretençioso do grande esforço que me foi preciso empregar para pôr em ordem o cahos das narrativas e informações directas.

Um seculo ou seculos antes da vinda de Mahomet, a dez dias de jornada para o Oriente de Meca, existia um grande imperio, por nome Mandih¹. Tendo-se apoderado violentamente das redeas do governo um famoso e jamais esquecido tyranno, chamado Assinjâta², nove tribus das mais influentes foram forçadas a dispersarem-se para muito longe do imperador e do imperio.

Para Sudão veiu uma tribu, que se compunha apenas de um chefe, de seus quatro filhos, afóra mulheres e escravos, os quaes se estabeleceram todos em Farimmá, nas terras do cabo e districto de Colh! Os filhos, depois da morte do patriarcha, dividiram entre si todo o territorio que se achava despovoado e sem limites, cabendo, por escolha ou por sorte, Farimmá ao primeiro filho, Cassanlá ao segundo, Sáama ao ter-

¹ É o que diz a lenda; porém, tendo eu feito reparo sobre os usos, costumes e linguas dos bihenos e ganguellas, e comparando-os com os dos biafadas e mandingas, estou muito persuadido de que os mandingas são oriundos das terras limitadas pelos macalalas, kames, matabelles e outros povos d'aquellas regiões; a policia de suas povoações, a fôrma das casas, a disposição das tulhas, a passagem da palavra, os delicados arcos de vime, de que usam as donzellas, a fôrma dos pilões e dos tambores, e os nomes das terras, dos rios e dos montes, taes como: Madina, Heliá, Bamamg-ató, Bahá, Notá, Oro e Cama, não me deixam duvida absolutamente nenhuma a tal respeito.

² Talvez o *mandimansa* de André Alvares de Almada, porque *mansó Mandi* quer dizer rei de Mandi. O dictionario citado diz que os mandingas desceram de *jaga*; porém *jaga* é um termo de lingua papel, que significa simplesmente fidalgo, e *jaga* não tem nada de commum com os mandingas nem com a sua lingua.

ceiro e Sáalum ao mais novo; e com o andar dos tempos tornou-se o reino d'este ultimo muito mais florescente do que aquelles de seus irmãos. Hoje os *saalumistas* chamam-se *soroás*.

Colim-Chó, grande fidalgo de estirpe real e oriundo de Collé, fundou com a sua familia uma colonia nas feracissimas margens de Corubal, n'esses tempos muito abundante em gomma copal, e onde só com duas descidas ao rio encontravam o sufficiente para pagar *daxa* ou tributo aos reis mandingas. Porém, seculos depois, acontece que, achando-se estes reis mandingas empenhados em uma guerra, e tendo pedido auxilio ou intervenção aos descendentes de Colim-Chó, que já eram muito numerosos, e como recusassem, travou-se uma encarniçada luta, de que saíram vencedores os vassallos. Com a victoria conquistaram a sua independencia nacional; em seguida escolheram para capital do seu novo reino um sitio na margem opposta, chamado *Gólle*¹, nas terras hoje occupadas pelos balantas, e ali tiveram sempre em segurança os seus principes. Desde então os descendentes de Colim-Chó começaram a chamar-se *jolás* ou *biafadas*².

Os bujagós ou sinjás, pouco antes de assim se chamarem, faziam parte de uma numerosa cafila de escravos, arrastados ao grande mercado de Guinalá. Um dia, e de improviso, estalou uma sanguinolenta revolta, seguindo-se immediatamente a fuga dos escravos para o archipelago em que nos achâmos; e de illa em illa foram cedendo o passo aos seus senhores, que os perseguiram sempre até á ilha de Carax ou de Orango, as ultimas e mais afastadas do continente. Ahi, como preferissem morrer gloriosamente ás lanças dos seus perseguidores, do que nas ondas do mar, como miseraveis, revestiram-se da coragem que sempre desperta o desespero, e desde então, tendo a fortuna trocado os papeis dos dois contendores, os bujagós (os mesmos fugitivos) começaram a levar de vencida os biafadas, a ponto de fabricarem grandes pirogas, com as quaes continuaram na perseguição de seus inimigos até ás suas povoações, que passaram a ferro e fogo, forçando os seus habitantes a internarem-se até hoje na solidão das florestas.

Do cruzamento dos escravos fugidos com os papeis de *Entomank* appareceu um povo de feições muito regulares e de proporções athleticas, o qual parece que intencionalmente inventou uma lingua impossivel, modulada pelo rugir das feras e pelo grasnar dos corvos e dos papagaios; que tingiu o cabello de vermelho, o qual desperta a idéa do sangue; que soube fazer brilhar no espirito de seus guerreiros uma fé

¹ O dictionario chama áquella cidade *Gallam*, e diz que para ali emigraram os mandingas, e não os biafadas, como se acaba de ver.

² De Jabadá, mui antiga tabanca biafada, á margem esquerda do Geba, saíram tres irmãos caçadores e mais uma irmã, que foram povoar a ilha de Bissau, e os seus descendentes disseminaram-se pelas terras, hoje chamadas dos balantas, brams e costa de baixo, onde seus netos deixaram esquecer a lingua do seu paiz e muitos dos seus usos e costumes. Os tres irmãos chamavam-se Maximó, Mábajo e Málobal, e um dos seus sobrinhos, por nome Ossomim, filho de Mábajo e caçador famoso, multiplicou a sua descendencia pelas ilhas de Pissés, Ilhetas e algumas das illhas Bujagó, as quaes ainda hoje se chamam *Entomank*; creio que do cruzamento dos papeis e biafadas de Golle, se formou a raça balanta, e do cruzamento dos mandingas com os papeis e balantas appareceram os fulupos. Os cassangas confessam que são parentes mais ou menos dos biafadas.

vivissima na transmigração das almas e na resurreição dos corpos; que imita nas suas festas o costume das aves e quadrupedes com uma habilidade impossivel de se descrever; que sabe fabricar elegantes farpões e azagaias trilingues, as quaes joga com muita destreza; que habitou os seus argonautas a fazerem voar sobre as ondas pesadas canoas carregadas de laranja, durante seis a oito horas seguidas, sem alimento, sem agua e sem lume, embora abrazados pelo sol ou fustigados pelos vendavaes; que acostuma seus filhos desde cedo a tornarem-se quasi insensiveis ás dores, a ponto de lhes ser indifferente carbonisar um braço ou fazer abalar a alma por meio de uma corda pendente do tronco de uma arvore; costumes estes, que não podiam ter outra origem senão na necessidade em que em algum tempo se viu de se tornar formidavel a seus inimigos. Esse povo, verdadeiramente interessante por muitos respeitos e que se destaca de entre outros povos seus conterraneos, é o *bujagó*¹.

Os futa-fulas, que escrevem em arabe toda a sua historia, contam, que, no tempo em que a religião do Propheta se estendia como um turbilhão aos quatro ventos, veio levantar no interior de Sudão as suas tendas, um almame por nome Ali-fá, que, alem de uma numerosa collegiada que o acompanhava, trouxera um filho havido com a sua mulher Cumbá. E como acontecesse morrer o almame, na menoridade de seu filho, o seu alumno mais instruido e que se chamava Sorri, tomou sobre si o encargo de governar a familia. Porém, chegado á maioridade o filho do almame, e querendo tomar as redeas do governo das mãos do discipulo de seu pae, este se recusa a ceder-lh'as, até que por decisão dos velhos em conselho convieram em que os chefes das familias do mestre e do discipulo se revezassem no governo do novo estado, que depois de seiscentos annos constitue hoje uma potencia a mais civilisada de quantas ha entre o Senegal e o Gambia, e entre o deserto do Sahara e as praias do mar oceanico.

Quanto aos fulas (melhor pull-as), consta com menos visos de certeza, que os rebanhos de Mahomet, o propheta, estavam entregues ao cuidado de um arabe que era casado com Sirá. Esta pequena familia, ou seus descendentes, acompanharam as carava nas que atravessaram o deserto até ás terras dos futa-fulas, caboucasse batmandingas, aonde continuaram no mesmo genero de vida que tinham antes: a vida nomada essencialmente pastoril e agricola; e com o seu algodão, leite e manteiga, de seus numerosos rebanhos compraram escravos que se multiplicaram entre si e se chamaram depois fulajons.

Hoje as pull-as começam a olhar com menos fetichismo para a pureza da sua raça e casam facilmente com os filhos de seus escravos,

¹ Penso que entre bujagós os regulos devem ser descendentes em linha recta ou collataral de Ossoim, porque para os legitimos reis bujagós nada os póde honrar tanto, depois do seu passamento, do que um *panno de tres bandas*, com que os seus cadaveres vão á sepultura. Esse panno insignificante, de *tres bandas*, chama-se na lingua mandinga *comn-sabá*, e fazem d'elle muito uso as mulheres papeis de Bissau; de sorte, que, para os reis bujagós, o tal panno é um symbolo muito significativo da origem d'elles, e de um valor inapreciavel. *Banda* é tambem n'este sentido um dos bons termos portuguezes e com a mesma significação creoula. Trechos classicos dos *Ornamentos da memoria*, por José Ignacio Roquete.

que se enobreceram a seus olhos com a conquista homérica da sua liberdade.

A escravatura povoou as nossas praças e presidios de uma mistura hybrida de raças de todas as proveniências, cujos filhos, depois libertos e baptisados, tiveram o nome de *grumetes*, por se entregarem quasi exclusivamente á lides de cabotagem commercial¹.

Com o andar dos tempos os oriundos do archipelago de Cabo Verde, especialmente os soldados, tiveram filhos nas suas relações amigaveis com as *tumgomás* ou filhas dos grumetes; as filhas dos papeis, biafadas, mandingas e fulas, algum tanto domesticados pelo commercio e pela religião christã, abandonaram seus paes e o seu paiz, para depois de baptisadas se casarem com os oriundos do referido archipelago ou com os filhos dos libertos.

Os europeus e os seus descendentes, multiplicando-se nas suas relações com as filhas do paiz, elevaram e aperfeiçoaram a raça dos aborigenes, offerecendo ao mesmo tempo não pequeno contingente á estatistica da população. É d'este modo que o povo portuguez indigena augmenta progressivamente como um fluxo indefinido do mar.

Linguas

Extensão geographica

A lingua mandinga, pela sua incomparavel harmonia, elegancia e facilidade de pronunciação, é a mais fallada em toda a Senegambia; e por ser muito cultivada pelos mouros letrados, está elevada a um alto grau de perfeição. A lingua mandinga é nacional e litteraria; as outras, alem da nacional, possuem uma outras agrada, absolutamente desconhecida do vulgo e dos circuncisos².

Como se deve ler o seguinte vocabulario

ch Soa sempre como na castelhana ou *ci* italiano. Exemplo: na lingua balanta *chif*.

j Como em *justitia* italiano; é preferivel ao *dj*. Exemplos: na lingua fula *tojo*, *Jalom*.

d Bate-se duramente com a ponta da lingua no céu da bôca, e nunca entre os dentes, como no *dimbaia* mandinga.

g-a, g-e, g-i e g-o Não pronunciam nunca esta syllaba como nós; dividem-a, como se vê, deslocando a vogal da consoante, de maneira que a sua pronunciação tem de ser necessariamente nasalada como em certas syllabas portuguezas. Exemplo: na lingua mandinga *ming-ola*.

¹ O decreto de 18 de novembro de 1869, artigo 9.º, e que vem junto ao nosso codigo civil, diz que se mantenham os usos e costumes dos gentios denominados *grumetes*, nas questões entre elles. Aqui em Guiné parece-me que ninguem confunde um grumete com um gentio.

² O sr. Sousa Monteiro diz algures, n'un dictionario ou chorographia, que a lingua mais fallada na Guiné é o arabe; e muitas vezes o citado dictionario diz que os fulupos fallam geralmente o arabe. Posso afiançar que não têm noticia de similhante lingua.

ó final: pronúnciação rápida, nunca como em portuguez.

gue, qui u não se pronúncia. Exemplo: na língua biafada *bnagui*.
u Como se fossem dois *uu*.

m n finais: depois de consoante a mesmíssima pronúnciação ingleza em *them* e *in*. Por causa das duvidas costumo acrescentar mais *m* ou mais um *n*.

am final. Nunca como em *receberam* portuguez, mas como em *lam* de *alambre*. Exemplo: na língua balanta *Halandam*.

ô, óo O segundo *o* e o prolongamento do primeiro sem interrupção de continuidade, e valerá *o o o*. Exemplo: na língua fula *jôoe*.

h Vale accento agudo quando é final, e quando não, indica que a vogal a que está junta deve ser energicamente aspirada como em *habm* da língua balanta.

hh Representa uma explosão guttural, como em *cahh!* bujagó.

rh Vale *rr* pronunciados com força e com a glotis, como em *rháa* da língua balanta.

~ Signal de pronúnciação extremamente ligeira. Exemplos: na língua fula *dĩdi*; na língua bujagó *agãme*.

Vogaes finais. Nunca se ha de ferir a ultima vogal não estando accentuada com um *h* ou accento agudo. Por exemplo: *lulu*, tenha ou não accentuação no primeiro *u*, deve ler-se *lúlu* e não *lulú*: *sateo*, deve-se dizer *satéo* e não *sateó*.

v, x, z e *lh* Tenho notado que em grande parte das linguas puramente africanas não existe a genuina pronúnciação, especialmente o *lh* com o valor de *gl* italiano.

Entre consoantes. Nunca se introduza vogal nenhuma, por mais ligeira que seja. Exemplo: em *sibm* deve ler-se assim como está escripto, e não *sibêmê*; *fcó* e não *fãcô*; *godnhi* e não *godênhi*.

V Em apparecendo, leia-se *f*.

N. B. Escrevo muitas vezes duas, tres e mais palavras reunidas, porque tambem escrevemos *dezoito* e outros termos, quando é preciso.

Vocabularios.

O sr. H. M. Stanley escreveu um vocabulario de varias linguas africanas, e, entre outras, as linguas mandinga e sosso; porém, de tal modo escriptas, que nos leva a crer que o illustre e immortal explorador não as aprendeu directamente, mas que aproveitou tudo de algum publicista ou escriptor pouco attento e escrupuloso.

**SPECIMEN DE UM VOCABULARIO DAS LINGUAS DA GUINÉ PORTUGUEZA,
PARA ESTUDOS COMPARATIVOS DAS LINGUAS**

Specimen de um vocabulario das linguas da Guiné

Portuguez	Mandinga	Biafada
Um	Kilim	Muná
Dois	Fulá	Bié
Tres	Sabá	Bjó
Quatro	Náne	Binihí
Cinco	Lúlo	Jubdá
Seis	Oro	Empaji
Sete	Oromg-úla	Enganhi
Oito	Sai	Oásseh
Novo	Conónto	Leberboh
Dez	Tam	Bapô
Vinte	Muam	Baouhobamke
Cem	Kemé	Kemé
Mil	Uli	Uli
Milhão	Uli-uli	
Pae	Fafá	Babá
Mãe	Bá	Emná
Deus	Allah	Gudaná
Grande	Kebá, oaramá	Ulafrá
Pequenino	Domandim	Mantíti
Arvore	Iró	Porr
Agua	Jió	Mambíá
Negar	Balám	Uaddá
Comer	Donoro	Iadá
Beber	Mung-ô	Namgdá
Céu	Alá-santó	Sancolé
Povoação	Satéo	Dague
Homem	Keó	Ussá
Mulher	Mussó	Unáal
Menino	Diuding-ô	Eudá
Arroz	Maló	Uamamn
Branco	Coimá	Ufasr
Preto	Fimmá	Uhangue
Lua	Caró	Ulámpa
Sol	Tiló	Buâgui
Cabeça	Cung-ô	Uapá
Mão	Buló	Gobdá
Nariz	Nung-ô	Ugomm
Cobra	Sá	Kulhá
Eu	Inté	Immá
Olho	Nhá	Grá
Fogo	Kimá	Furu
Quente	Candita	Joklié
Fusil	Dató-beró	Biangá
Faca	Muró	Pâca
Como está ?	Ibédilá ?	Siagra ?
Tens fome ?	Concó belá ?	Inchamnafré ?
D'onde vens ?	Ibirim, muitó ?	Fab-atigra ?
Não quero	Immanlafi	Almájene
Que queres ?	Ilafitá munhónela ?	Uarajeum ?
Quero beber	Imlafitá mingôla	Jeu-buang-mambíá

portuguesa para estudos comparativos das linguas

Fula	Balanta	Bujagó
Gôo	Voda	Hedlique.
Didi	Sibm	Echôobe.
Tâti	Habm	Unhôco.
Mâi	Tâsla	Agône.
Jôoe	Chif	Andépôgo.
Jôoégo	Chifkvoda	Andénédigue.
Jooédidi	Chifksibm	Andénechôobe.
Jooetâti	Chifkhamm	Andénanhoco.
Jooenâi	Chifktâsla	Andénagune.
Sâpo	Nim	Emrung-âeu.
Chapandélide	Sâuhal	Totum, ou ambachotune.
—	—	—
—	—	—
—	—	—
Bâa	Babâ	Oténh (!...)
Imná	Ni	Ossónh.
Allah-ingui	Halandam	Nindó.
Máodo	Handam	Cabang-a.
Tojo	Edôlo	Ong-hâ.
Lécal	Itá	Gunté.
Diamm	Uedé	Nhó.
Sâli	Lóhh	Nhébokbi.
Nhâamm	Rháa	Godnhí ou godim.
Iari	Hafchi	Emberem.
Bâao	Hala	Nindó.
Sâaré	Boochá	Poniguimn.
Gôreo	Olante	Obidi.
Debbó	Hhiimn	Ocauto.
Chúcael	Imbi	Oughá.
Máaro	Máahí	Imamm.
Danéje	Kihhi	Uéss.
Bauli	Momm	Éteomn.
Léuru	Dinde	Étáco.
Náague	Behhimn	Aánho.
Hôore	Feó	Bu.
Júngo	Fehif	Côogo.
Inere	Kfung-ha	Gôomó.
Bóddi	Ualaam	Gobica.
Min	Mimn	Anhó.
Gulte	Kiit	Nhé.
Jáegol	Gleechá	Muteó, ou emtugonhbm.
Ul	Nhuhó	Godbam.
Dato-beró	Blaahnim-padn	Nabéogó.
Labi	Imbânh	Núnech.
Nonom-ungonda ?	Habalá-haca ?	Mené.
Ajôogué-hégue ?	Colnum-mná ?	Maadoc, nhadó ?
Totom-gulnda ?	Habal-hakite ?	Madanti, mnati ?
Miláaca	Imuhotinam	Nhucúpút.
Cocóláfã ?	Uíanam ?	Empudeg-ô.
Malafiãrgol	Imna-hafché	Nhopudãcg-obère.

Litteratura

Alguns specimens no dialecto creoulo, e nas linguas mandinga, biafada e balanta:

Creoulo

A versificação creoula quasi nunca é sujeita ás regras naturaes da versificação: os versos não são mais do que uns pessimos nonsenses, e o estylo é de um laconismo cruel; porém, encontram-se alguns versos soffríveis e alguns, poucos, de incontestavel belleza; por exemplo: os versos sujeitos, em que os dois primeiros versados nas fórmulas onomatopaicas da lingua papel são sublimes, e fazem mesmo lembrar com o seu canto o preludio da instrumentação de uma grande orchestra, em que sobresae o rufar de tambores e de timbales. O côro não tem outro fim senão dar tempo á poetisa para reunir os seus versos.

Cojete Ianga por Mondé

Chácara de setenta versos

Voz

O jahanáa
Cojiti-óo !!
Cojiti ojonamá
Parente-nam-Col!

Côro

Oh õõ-oh ó ooh!
Bis

Voz

Roncã cadijo e passa
E há Cassa-Noba
Sem-cá jengue-rosto
E tá-furã ojo.

Côro

Oh, etc.

Voz

Bos cendel candéa
palabote-óo
palabote-ó
bos cendel-candéa.

Côro

Oh, etc.

Voz

Sem-temba poss
emtá-bidá tenha de mar
emtá-bidá tenha de mar
pam jobe Ianga

Côro

Oh, etc.

Voz

Sem temba poss
emtá-jogá peto co-mar
emtá-jogá peto co-mar
pam jobe Ianga.

«Eia! Todos os olhares sobre o mancebo Cojete — que ostentando a sua tanga de fimbrias fluctuantes, passou rapido para Casa Nova. Se não tomasse tento arrancava-me os olhos (*sic!*) Na velocidade da sua passagem. Ó do palhabote! accendam-lhe os pharoes, accendam-lhe os pharoes, ó do palhabote! Se eu pudesse transformar-me n'uma tainha de mar (*sic*) para o contemplar sempre; para o contemplar sempre; luctava com o mar (*sic!*).»

É para notar, que, entre creoulos, só as mulheres é que são dotadas de veia poetica e de certa chamma de genio, enquanto que os homens não fazem senão desconchavos: são frios e insipidos.

Os gentios, na invenção, na metrificacão e na musica são incomparavelmente superiores ás poetisas das nossas praças e presidios.

Mandingas

Um dia lembrou-se uma serpente de se transformar n'um elegante mancebo, e foi pedir a mão de uma donzella, que teimava em não casar senão com aquelle a quem a natureza dispensasse a fatal necessidade das dejecções faceis e das secreções dos rins; feito o exame, obteve a noiva, que levou para sua casa, mas de improviso as caravanas que iam passando ouvem uma voz, que se parecia com a de um naufrago á beiramar.

Jilol-vóo jilól!
 jilol-vóo jilól!
 Aiendinaké-mum-ná, jilól
 Aielmâtã-súbáti, jilól
 sabá miniambá, jilól
 fahem-falá-óo, ummáloin;
 fahem-cummalá, um malon

Tradução do verbo adverbio

«Ó da caravana, ó da caravana! Digam lá a meus paes que o homem que me deixaram em casamento transformou-se n'uma serpente, que me traz ligada nas suas roscas; não sei se me esmagará, não sei se me devorará.»

Seguem mais oito versos, que consistem no recado que a serpente envia a seus sogros como contra-annuncio.

Biafada

No tempo de uma horrorosa fome, uma pequena deu a seu irmão-sinho uns feijões para o acalentar; chega a mãe, que se achava ausente, sabe o enfurece-se tanto, que a pequena foge e vae esconder-se no tronco de uma arvore que ensombrava uma linda fonte. Todos os que vinham do povoado a apanhar agua ouviam esta voz innocente, saudosa e de uma feição primitiva.

Sirá (a fugitiva)

Uane uanté gumcumbúrum
 gumcumbúrum gandéa :
 mamande laná, Gamchenkêrem
 Gamchenkêrem uálemá
 manfenta mansôdi
 maiáble gubdá :
 mablungú fekiḡda feki
 feki jiranga bfénhio :
 badigué machombá Sirá
 chombá chomba Siram Gãlo.

Traducção ao pé da letra

«O que desperta os ecos d'esta fonte acceita o recado que lhe dou. Diz a minha mãe (que mora) em Gamchemkerem, que por causa de uns feijões que dei ao meu irmãosinho me vejo mettida n'este poilão ha tanto tempo, que já estou muito crescida; e tão crescida, que o meu cabello já arrasta pelo chão, e os meus seios já estão pendentos; que sou eu a mesma filha de Gãlo e o meu nome é Sirá.»

Balanta

Para os *blufús* ou mancebos balantas o dia mais sombrio que lhes enluta a alma é aquelle em que são obrigados; na idade dos seus vinte a vinte e cinco annos, a irem ao centro dos bosques para serem circumcidados, a fim de entrarem na classe dos homens serios pelo casamento. Antes d'esse dia nefasto levam os dias da sua mocidade alegremente, conduzindo seus rebanhos na liberdade dos campos, onde cantam e fazem exercicio das armas, de forças e de agilidade. Ouçamos a voz plangente do grande blufú de Nhála, que, a seu pezar e com passos vacillantes, vae seguindo o caminho do bosque sagrado. O seu canto, trespassado de sentimento, parece o ullular de um cão da Terra Nova á beira de uma sepultura, nas horas em que o sol declina; não o sol que alumia o universo, mas o sol de seus formosos dias.

Elegia

...he! he! ingeminart

- Voz Bochim nam Nhála ó lunhó!
- Côro Oé! lecareg-a
- Voz Uli ó duó buale nhé!...
- Côro Oé! etc.
- Voz Incá tuvó noda cubiada.
- Côro Oé! etc.
- Voz Uli-nó duó nhomg-nim buále!
- Côro Oé! etc.
- Voz Nhiná iõg-iõg enfanda!
- Côro Oé! etc.
- Voz Nhiná alõfo cumbá Maché!
- Côro Oé! etc.
- Voz Chossó bsamn sochiô-oe!
- Côro Oé! etc.
- Voz Nhim bdantigáta óoe!
- Côro Oé! etc.
- Voz Eujá chossomá bsamn soché!
- Côro Oé! lacareg-a.

«Ai dos meus! Sobreveiu uma calamidade ás terras de Nhala! Ah! Lá declina o sol! Sinto uma cousa que me consterna immenso... Ah! Lá declina o sol! Sigo com os meus companheiros o caminho da floresta. Ah! Lá declina o sol! Ai meu pae! Esta lembrança entristece-me muito. Ah! Lá declina o sol! Mas quem? Eu! o mocetão de Enfanda? (filho de) Ah! Lá declina o sol! Mas quem? Eu! o mancebo de Cumbá Maché? Ah! Lá declina o sol! É sempre certo que vamos á floresta! Ah! Lá declina o sol. Ai que me fizeram mal, deixando-me chegar a esta idade! Ah! Lá declina o sol! Ai de mim! Não resta duvida que me levam á floresta! Ah! Lá declina o sol!»

II

COLONIAS PORTUGUEZAS EM PAIZES ESTRANGEIROS

XXVII

Singapura e Malaca

Resposta ao questionario inicial da Sociedade de Geographia de Lisboa

(Conclusão)

No corpo da igreja, ao lado da capella mór, esteve, segundo a tradição, enterrado por espaço de oito mezes o corpo de S. Francisco Xavier.

Cerca das velhas ruinas da igreja e do corpo do pharol encontra-se cravada uma pequena peça de artilheria, que se diz de origem ou procedencia portugueza, se bem que se lhe não encontre vestigio ou indicação alguma que o atteste.

As ruinas da igreja a que alludo encimam uma das principaes elevações da cidade, e aonde hoje existe o pharol, parece ter sido entrada do velho bispado.

Na baixa depara-se-nos o vetusto portico, que, segundo parece, foi a entrada ou uma das entradas da cidade, portico que tem sido reproduzido não poucas vezes pela gravura, o que me dispensa de miudamente o descrever. A hera e outras parasitas abraçam-n'o estreitamente, como abraçam as paredes do velho templo, e cobrem as sepulturas.

Não muito distante depara-se-nos a abertura de um subterraneo, que, segundo a tradição, dava sobre as muralhas e communicava com a igreja. Parece ter sido aberto pelos primeiros occupadores, e destinado, segundo a mesma tradição, para sortidas estrategicas. Procurava-se ultimamente desentulhal-o e verificar se effectivamente tem communicação com a igreja. Esta tentativa tem sido, segundo me informaram, encetada por vezes, mas sempre infructiferamente. Entre as